

# Opinião



Rui Sá Correia  
Arquiteto Paisagista  
[www.inoutside.pt](http://www.inoutside.pt)

## A mulemba: do panteísmo à conceção do espaço urbano

A apropriação da paisagem pelo Homem, desde tempos imemoriais, é, muitas vezes, reveladora de uma consciencialização dos mecanismos ecológicos regedores da paisagem e sobretudo de uma respeitosa forma de preservar os recursos naturais essenciais à sobrevivência humana.

Nesta contemporaneidade que experienciamos, adequar os recursos às necessidades é um ato intelectual premeditado e planeado mas é também um ato empírico resultado da acumulação e da assimilação do comportamento da paisagem.

A árvore real angolana, a mulemba ou *Ficus thonningii* como é cientificamente conhecida, assume um papel importante nas decisões sociais, na resolução de quezílias (*macas*) e, na condição de elemento polarizador, na conceção do espaço urbano. Foi a partir deste elemento vivo, que se assumia como a génese do espaço, que se foram desenhando os aglomerados urbanos espontâneos ao longo do território angolano. As necessidades com que o ser humano se ia deparando conduziam a uma respeitosa preservação dos recursos naturais da paisagem, dos quais se destacam os recursos hídricos e os mosaicos de coberto vegetal, essenciais à vida do Homem.

Porém uma conceção modernista de apropriação da paisagem foi obedecendo a diferentes pressupostos. Descentrou-se de um propósito panteísta, contemplativo e respeitador do elemento vivo, para se centralizar no objeto arquitetónico, muitas vezes desprovido de identidade e alienado do espírito do lugar, do *genius loci* e, como tal, assumindo-se como um mero objeto desajustado da realidade, indiferente à conceção natural da paisagem e sobretudo afastado de uma determinada identidade cultural.

Na atualidade a prerrogativa para a construção de uma sociedade sustentável passa por saber interpretar os mecanismos regedores da paisagem e, com uma interpretação isenta de interesses economicistas, comprometedores do futuro das gerações vindouras, idealizar e criar espaços identitários, que firmam uma cultura, neste caso angolana, e que potencia o posicionamento deste país na vanguarda da sustentabilidade.

Não será, portanto, centrando o desenvolvimento de um país na exploração indiscriminada e não planeada dos seus recursos naturais, na apropriação de outras identidades culturais ou no desrespeito regular dos mecanismos naturais da paisagem, que se assegurará o futuro das gerações vindouras.

Há, portanto, uma necessidade urgente na reinterpretção da importância e dos conceitos que subjazem à árvore real angolana, a mulemba, procedendo-se a um processo de ordenamento da paisagem que integre, equilibradamente, as componentes biofísica, sociocultural e económica.